

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA

Joel Silveira Ledesma¹

Suzana Arakaki²

¹ Bolsista UEMS; Estudante do Curso de Ciências Sociais da UEMS, Unidade Universitária de Amambai; Email: joel_silveira2@hotmail.com.

² Orientadora; Professora do Curso de História da UEMS, Unidade Universitária de Amambai; Email: arakaki@uems.br

Ciências Humanas – Sociologia do Conhecimento - Educação

Resumo

Este trabalho tem como foco principal abordar questões/discussões sobre racismo, preconceito e, discriminação racial na educação básica de Amambai, utilizando-se de materiais midiáticos como filmes, músicas e imagens e, do debate com os alunos através de questionamentos. Também apresentar um pouco sobre a história da África e dos afrobrasileiros, para dessa forma demonstrar as contribuições da população negra no Brasil. Esse processo se torna relevante pelo fato da história dos negros sempre ter sido tratada de forma não tão adequada. A discriminação racial é algo explícito em algumas épocas da história, subliminar nos dias de hoje, através do mito da “democracia racial”. São vários os meios que influenciam as pessoas para o racismo velado, como por exemplo, o cinema, a mídia em geral e, a sociedade.

Palavras-chave: racismo. discriminação racial. África. Afrobrasileiros

Introdução

Estudar questões referentes ao processo que desencadeou um fator socialmente construído como o preconceito, a discriminação e o racismo, é de extrema valia para que possamos entender o verdadeiro processo histórico e a contribuição das populações afrodescentes, bem como discutir as relações sociais que são provocadas através desse fator.

O processo histórico e ideológico que caracteriza o surgimento do racismo sempre esteve presente na história das sociedades, e a escravidão em si não esteve necessariamente relacionada com a escravidão negra. Em sociedades mais remotas como na Grécia Antiga a prática escravista era dada por fatores ligados as relações de poder entre patrícios e plebeus, intelectuais conhecidos como Aristóteles julgavam necessários a escravidão para o bom

funcionamento da *pólis*, sendo importante a existência de homens de trabalho e homens para pensar.

[...] O escravo está conforme a natureza para qual sua condição é justa e útil, ou a escravidão é uma violação da natureza?

[...] Pois que alguns devem comandar e outros obedecer não é uma coisa somente necessária, mas também útil. Entre os seres, desde o nascimento, alguns são destinados ao comando, e outros à obediência; há várias espécies, entre eles, de comandantes e comandados, e o comando mais elevado é aquele que é praticado sobre súditos mais elevados. Desse modo, comandar homens é mais elevado que comandar animais, Pois, o trabalho executado por seres perfeitos é ele mesmo mais perfeito. Ora, em toda parte em que há um que comanda, de um lado, e um que é comandado, do outro, o resultado é uma obra. (ARISTÓTELES.2008.p.60)

Durante esse período pode-se constatar várias teorias tanto religiosas quanto científicas para a justificativa do sistema escravista. No cristianismo

[...] Não obstante suas prédicas sobre o amor ao próximo, a fraternidade e igualdade entre os seres humanos, desde logo admitiu a escravidão. Santo Ambrósio, Santo Isidro de Servilha, Santo Agostinho explicavam-na como parte do castigo pela perda da graça divina. Quem nascesse escravo deveria conformar-se e esperar pela libertação no reino dos Céus. (QUEIROZ. 1993.p. 52).

Havia também fatores biológicos ligados à criminalidade “O criminologista italiano Lombroso assinalava os estigmas do criminoso nato: de pele escura, nariz largo, lábios grossos, ou seja, um negro”. (LIMA.1994.p.70).

Essa ideia de subjugar povos diferentes que na Antropologia Moderna se denomina etnocentrismo sempre esteve relacionado a fatores econômicos, sociais e políticos. A Europa como continente colonizador dos povos africanos para legitimar sua dominação julgavam esses como povos primitivos na qual teriam a missão civilizatória.

Durante as décadas de 1850 a 1870 as ideias de raça e racismo se consolidaram na Europa. A partir dessa época, generalizou-se a crença de que certos povos, por questão de raça, não tinham capacidade para progredir como tantos outros, e os europeus passaram a reconhecer grandes diferenças entre brancos e outras raças.

Ao fim do século XIX, na Inglaterra, já existiam inquestionáveis evidências de hostilidade aos negros. (AZEVEDO. 1990.p.25).

Com o desenvolvimento do evolucionismo de Darwin, com a famosa obra *Origem das Espécies* “através da teoria da evolução das espécies, a qual não apenas afetava a crença na origem separada de cada espécie, mas também admitia que as raças não eram permanentes e podiam mudar com o tempo.”(AZEVEDO.1990.p.25). Da teoria de Darwin até a explicação no social era apenas um passo para na Inglaterra com Spencer surgir o “Darwinismo Social”.

Na atualidade após desfeitos todos esses mitos e, na compreensão da existência de apenas uma raça (a humana) e de que diferenças entre cor ou qualquer outro traço cultural não são influenciados no caráter humano, o que se percebe ainda são resquícios de mentalidades

preconceituosas. Esse preconceito ainda se faz enraizado na forma de um racismo “subliminar” que não é perceptível aos olhos das pessoas que o cometem, por receberem cargas de preconceito o tempo todo de vários meios (cinema, mídia em geral, escola, família).

No cinema ainda não é muito comum de se observar negros retratando posições de destaque. Ora estão representados como bandidos e ou traficantes. Ora como membros de uma classe desprivilegiada como empregados, motoristas, entre outros. Ganhando destaque apenas quando o foco é a escravidão.

Ressaltar a contribuição da poluição negra no Brasil se faz pertinente e, não apenas buscar supervalorização de modelos europeus de sociedade.

[...] Trazido como imigrante forçado e, mais do que isto, como escravo negro africano e os seus descendentes contribuíram com todos aqueles ingredientes que dinamizaram o trabalho durante quase quatro séculos de escravidão. Em todas as áreas do Brasil eles contribuíram a nossa economia em desenvolvimento, mas, por outro lado, foram sumariamente excluídos da divisão dessa riqueza. (MOURA. 1992 p. 07).

Não apenas no campo econômico, a contribuição africana é vasta na cultura brasileira, traços culturais africanos são facilmente observáveis nos dialetos, danças, culinária, artes, tecnologias, rituais, religião entre outros.

Material e Métodos

De modo que satisfaça as expectativas do referido projeto tendo em vista os alunos da educação básica de Amambai, a metodologia empregada é a utilização de ferramentas audiovisuais (apresentações em *slides* em “*power point*” com imagens, histórico, músicas e filmes) o uso desses materiais de apoio bem como as leituras prévias facilitam a exposição dos temas e, por outro lado contribui para que a assimilação seja mais dinâmica e facilitada. Os alunos são instigados a participarem com perguntas e a partir das suas colocações inicia-se um debate e que também objetiva a fazer conclusões.

Resultados e Discussão

Ao se depararem com as situações discriminatórias conseguem identificar muitos outros, conseguem perceber após a exposição dos fatores que disseminam o racismo a realidade do cotidiano, como na família, no cinema, na escola e no bairro.

Os encontros com os alunos foram realizados no período de maio à julho, três encontros, o projeto segue em andamento. Após cada exposição da revisão de literatura e os

recursos os alunos são convidados a emitirem suas opiniões e conhecimentos prévios sobre a temática com questionários bem como avaliar a referida ação.

Agradecimentos

Ao apoio dos coordenadores pedagógicos com a aplicabilidade do projeto e aos diretores quanto à concessão da infraestrutura e dos recursos audiovisuais, professores e, demais pessoas envolvidas.

Referências

Livros

ARISTOTELES. **Política**. 4ª. edição. Tradução Pedro Constantin Tolens. São Paulo. Editora Martin Claret. 2008

AZEVÊDO, Eliane. **Raça: Conceito e Preconceito**. 2ª edição. São Paulo, Princípios, 1990.

LIMA, Celso Piedemonte. **Evolução Humana**. São Paulo, Editora, Ática 1994.

MOURA, Clóvis. **História do Negro Brasileiro**. 2ª. edição. São Paulo, Ática, 1992.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro Brasileiro e o Cinema**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2001.

QUEIROZ, Suely Robles Reis de. **Escravidão no Brasil**. 3ª. edição. São Paulo, Ática, 1993.